

O gênero jornalístico charge no letramento escolar

Maria Cláudia Teixeira*
Cristiane Malinoski Pianaro Angelo**

Resumo: Fundamentado nos pressupostos bakhtinianos a respeito da linguagem e gêneros discursivos, este artigo apresenta uma proposta didática com o gênero discursivo charge jornalística, visando a melhorias no ensino-aprendizagem da leitura. A proposta leva em conta quatro etapas principais: o estudo do gênero charge no âmbito jornalístico e social, o estudo da dimensão sócio-interacional da charge; estudo da dimensão verbal e não-verbal do gênero; reflexão sobre a reação-resposta do leitor e a produção de novos sentidos.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Charge. Leitura. Ensino médio.

Considerações iniciais

Formar leitores críticos e produtores de textos eficientes é um dos objetivos fundamentais do ensino de língua portuguesa na escola. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), propõe-se que a leitura e a produção de textos sejam desenvolvidas de maneira adequada e útil ao universo escolar e à realidade do aluno. Assim, neste artigo, busco discutir o gênero charge jornalística e explorar seu potencial no ensino da língua

* Pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro.

** Mestre em Letras: Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá; Professora do Departamento de Letras na Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro.

R. Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 12	n. 19	p. 89-107	Dez. 2010. Recebido em: 26 abr. 2010 Aprovado em: 05 dez. 2010
------------------------	----------------------	-------	-------	-----------	---

materna. A pesquisa tem como fundamentação teórica principal as abordagens da linguagem e gênero discursivo propostas por Bakhtin (2003; 2006), bem como de estudiosos de gênero e ensino, como Lopes-Rossi; Marcuschi (2002); Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), dentre outros. Apontamos uma proposta alternativa para o trabalho de leitura, utilizando a charge jornalística como objeto de ensino, com alunos do Ensino Médio.

Compreendemos que a inserção e a exploração adequada do gênero charge nas aulas de língua materna pode possibilitar que o aluno desenvolva sua competência leitora e desperte sua consciência crítica.

Os gêneros discursivos e a concepção dialógica de linguagem

Todas as questões ligadas aos gêneros foram inicialmente pensadas a partir de uma visão artístico-literária, na qual as preocupações centravam-se em classificar as obras literárias dentro de um determinado gênero que, de acordo com a tríade canônica, poderiam ser pertencentes aos modelos denominados lírico, épico ou dramático. Considerava-se cada um desses gêneros como puro em si mesmo, ou seja, dependente de um rigor excessivo que comprometia a originalidade e limitava a criatividade do autor, já que se proibia ultrapassar os limites de determinado gênero.

No século XVI, predomina, não sem polêmica, a **adoção de critérios rígidos** e fica estabelecido, entre outros princípios, que: lírica é a poesia feita das reflexões do poeta; dramática é a poesia em que a pessoa do poeta não intervém; épica é um conglomerado das duas atitudes anteriores (FILHO, 2005, p. 66, grifo nosso).

Somente no século XIX, com o surgimento do período literário denominado Romantismo, que a teoria da "pureza" de gêneros foi rompida. Da necessidade de individualização e de liberdade criativa surgem os gêneros híbridos, sendo neste momento permitida a mobilidade entre um gênero e outro, o que fez com que surgissem outras classificações diferentes da tripartição clássica. Desde então, existem comédias românticas, tragicomédias, entre outras novas formas literárias.

Para o pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), a questão dos gêneros ultrapassa a da classificação de textos segundo especificidades artístico-literárias. O estudioso passa a considerar que

todo "campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*" (BAKHTIN, 2003, p. 262, grifos do autor).

A noção de gênero está atrelada à concepção "dialógica" de linguagem. Em sua obra intitulada *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), Bakhtin considera que "a verdadeira substância da língua [é constituída] pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*" (p. 127, grifos do autor). Nesse sentido, toda a enunciação é determinada de acordo com fatores exteriores, não é a atividade mental que determina aquilo que deve e pode ser dito, mas sim a exterioridade. Assim, a estrutura da enunciação é de natureza social, ou seja, o meio e os participantes da comunicação verbal dão forma à enunciação, influenciando no que se tem a dizer, nos objetivos do que se tem a dizer e na escolha das estratégias linguísticas, estilísticas e discursivas para dizer.

A interação social é constituída pela palavra, sendo esta a mediadora entre o individual e o social, ou seja, todo ato de comunicação prevê a presença de um locutor e inevitavelmente a de um interlocutor. Segundo Bakhtin (2006), mesmo um monólogo projeta um interlocutor,

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar do mesmo grupo social ou não, se esta for superior ou inferior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (p. 116, grifo do autor).

Considerando a concepção dialógica da linguagem de vertente bakhtiniana, toda e qualquer situação de comunicação, quer oral ou escrita, projeta um interlocutor, pois há sempre uma resposta ou mesmo uma reação ao que está sendo lido ou ouvido. "O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc" (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Bakhtin propõe, então, uma ampliação da noção de gêneros,

abarcando todas as esferas da linguagem. Em *Estética da criação verbal* (2003), o autor considera que toda a produção de linguagem, seja ela oral ou escrita, caracteriza-se como gênero discursivo, sendo que em cada situação de enunciação, essa produção apresentará um conteúdo temático, estilo e construção composicional, características definidas pelas condições de produção, pelos interlocutores e pela finalidade discursiva do enunciado. Sobre esse tema, Lopes-Rossi (2002, p. 25) adverte que:

Uma conversa, uma piada, um provérbio, uma entrevista, uma palestra, uma aula, uma apresentação oral de um trabalho (defesa da tese, por exemplo), um interrogatório, um depoimento, uma discussão, um cordel, uma missa, são alguns exemplos de gêneros discursivos orais existentes em nossa sociedade. Carta, requerimento, procuração, notícia, reportagem, relato de pesquisa, crítica de cinema, crítica de música, questão dissertativa de prova, propaganda, bilhete, romance, conto, poema charge, relatório, receita, lista de compra, cartão de felicitação, nota fiscal, recibo, verbete de dicionário, cheque, e-mail são alguns exemplos de gêneros escritos.

Bakhtin (2003) distingue os gêneros discursivos primários (simples) dos secundários (complexos). Os gêneros discursivos primários "se formam nas condições de comunicação discursiva imediata" (p. 263), ou seja, são muito mais vinculados à oralidade enquanto os secundários, ditos complexos, são formados por produções predominantemente escritas. Rodrigues (2005, p. 169) acrescenta que:

Os gêneros primários (conversa de salão, conversa sobre temas cotidianos ou estéticos, carta, diário íntimo, bilhete relato cotidiano etc) se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias são formalizadas e sistematizadas). Os gêneros secundários (romance, editorial, tese, palestra, anúncio, livro didático, encíclica, etc) surgem nas condições da comunicação cultural mais "complexa", no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas "medeiam" as interações sociais: na esfera artística, científica, religiosa, jornalística, escolar, etc.

Os gêneros discursivos, tal qual definidos por Bakhtin, são o resultado da interação verbal entre os participantes da atividade comunicativa e estes abrangem todos os tipos de produção de linguagem, quer oral ou escrita. Assim, os gêneros discursivos são considerados como um processo de interação social que se dá numa relação dialógica da linguagem.

Gêneros discursivos e ensino

Apesar de Bakhtin não ter centrado seus estudos no ensino-aprendizagem de línguas, "suas idéias têm impulsionado as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área de ensino de línguas a partir de meados da década de 1980" (RODRIGUES, 2005, p. 153). Assim, a questão dos gêneros discursivos tem sido de suma importância para o ensino de língua portuguesa.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais/ PCN's (BRASIL, 1998), propõe-se que a leitura e a produção de textos sejam desenvolvidas de maneira adequada e útil ao universo escolar e à realidade do aluno, sendo que a unidade básica para ampliar a competência linguística e discursiva deve ser o texto, e os gêneros discursivos objetos de ensino-aprendizagem. De acordo com os PCN's (BRASIL, 1998, p. 23), "Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita". No documento, Brasil (1998, p. 23), fazendo alusão aos pressupostos bakhtinianos, adverte que:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

Nas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para Educação

Básica no Paraná/ DCE's (PARANÁ, 2007), tal concepção de texto também é contemplada. Esse documento adota, igualmente, a concepção sociointeracionista da linguagem objetivando novos posicionamentos em relação às práticas de ensino de língua. Segundo as Diretrizes (PARANÁ, 2007, p. 12), "na linguagem, o homem se reconhece humano, interage e troca experiências, compreende a realidade em que está inserido e o seu papel como participante da sociedade". O homem é um ser social e como tal interage com os seus, desenvolvendo suas capacidades de oralidade, compreensão e argumentação, já que utiliza o "diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões" (BRASIL, 1998, p. 07).

Entendendo a linguagem como forma de interação social, temos no texto a materialidade da língua, lugar em que locutor e interlocutor significam e são significados. Nas Diretrizes (PARANÁ, 2007, p. 13), "o texto é visto como lugar onde os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo".

O trabalho com a multiplicidade de textos que circulam socialmente permite ao educando o reconhecimento das diferentes esferas sociais em que as formas de interação verbal estão inseridas e, portanto, o reconhecimento da diversidade de gêneros discursivos, decorrentes das práticas sociais.

Nesse sentido, o trabalho que leve em conta a concepção sociointeracionista da linguagem, o conceito de texto como lugar de interação e o conceito de gênero como prática social, vincula-se a uma metodologia de ensino com vistas a ampliar as experiências de uso da língua. Assim, em Paraná (2007, p. 16), o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa está fundamentado nos seguintes objetivos, dentre outros:

Empregar a língua oral em diferentes situações de uso, saber adequá-la a cada contexto e interlocutor, reconhecer as intenções implícitas nos discursos do cotidiano e propiciar a possibilidade de um posicionamento diante deles. E, desenvolver o uso da língua escrita em situações discursivas por meio de práticas sociais que considerem os interlocutores, seus objetivos, o assunto tratado, os gêneros e suportes textuais, além do contexto de produção/leitura. Refletir sobre os textos produzidos,

lidos ou ouvidos, de modo a atualizar o gênero e tipo de texto, assim como elementos lingüísticos empregados na sua organização.

Os objetivos, tais como ressaltados no documento em questão, são alcançados paulatinamente obedecendo a um processo que começa na alfabetização, "consolida-se no decurso da vida acadêmica" e continua por toda a vida.

De acordo com as concepções teóricas expostas, apresentamos como opção de estudo em sala de aula, para aprimorar as experiências reais de uso da língua, o gênero jornalístico "charge".

O gênero discursivo charge

Lugar de destaque em jornais, a charge, nascida da caricatura, surgiu no Brasil em meados de 1830. As ilustrações caricaturais foram ganhando espaço nos jornais aos poucos, pois inicialmente eram veiculadas em folhetos separados e descontextualizados dos textos verbais (ROMUALDO, 2000). Atualmente esse gênero discursivo é presença diária em jornais de grande circulação e, muitas vezes, vale por uma matéria, já que pode apresentar de forma condensada toda a notícia em um único quadro ilustrado.

É comum a confusão causada pelas diferenciações entre charge, caricatura e cartum. Embora tenham traços comuns, cada um dos gêneros citados tem a sua própria especificidade. A caricatura, tal como definida em Romualdo (2000, p. 20), é a representação da fisionomia humana com características humorísticas. Busca-se, nesse gênero, dar um toque cômico, uma espécie de deformação naquilo que se destaca na figura retratada, como, por exemplo, os dentes do jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho, que ganham tamanho exagerado, causando o humor da caricatura. Já o cartum focaliza uma realidade genérica, mais ligada ao cotidiano, busca retratar comportamentos humanos, suas fraquezas, hábitos e comportamentos, trata-se de uma crítica de costumes. É neste ponto que charge e cartum acabam se diferenciando, porque, ao passo que o cartum visa uma realidade comum, a charge retrata uma realidade mais específica, presa a determinados fatos, geralmente políticos e de conhecimento público. Assim, diferente do cartum, que é atemporal, a

charge tem uma limitação temporal por prender-se a acontecimentos específicos.

Ao apresentarmos a charge como um gênero discursivo é preciso considerar três elementos essenciais e interligados, nos quais, segundo Bakhtin (2003), o gênero se fundamenta: *o conteúdo temático*, isto é, o objeto e a finalidade discursivos, o que é dizível por meio do gênero; *a construção composicional*, ou seja, os aspectos estruturais compartilhados pelos textos pertencentes aos gêneros; *o estilo*, representado pelos traços lexicais e gramaticais da língua.

A charge, vocábulo de origem francesa, cujo significado é carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente, é uma subdivisão da caricatura - representação da fisionomia humana com características acentuadas buscando o humor, o cômico ou o grotesco. Assim a charge pode ser definida como um gênero discursivo visual que busca, através do humor, criticar fatos ou acontecimentos, em geral de natureza política.

Podemos dizer que o texto chargístico é caracterizado pelo "exagero" com que são retratados os personagens, cujo recurso visa ao ataque crítico a determinados temas sociais e políticos, ao mesmo tempo em que provoca o riso por meio do humor. Trata-se de uma associação entre o texto verbal e o pictórico,

Este tipo de gênero apresenta uma certa quantidade de recursos lingüísticos; no entanto, é bastante comum em algumas charges o desenho de um balão com apenas um sinal de pontuação (ou a pontuação apenas). Sendo assim, a pontuação deve ser entendida não só como elemento necessário à produção textual, mas também com elemento gráfico que compõe e estrutura a imagem. Enfim, deve-se considerar os elementos da sintaxe visual a partir dos elementos constituintes da imagem: cor, ritmo, volume, composição direção e , a partir desses aspectos, adotar um método de leitura das imagens de sentido (SOUZA, MACHADO, 2005, p. 59).

A charge engloba o verbal e o não-verbal como reforçadores na produção dos efeitos de sentido. Focalizando frequentemente a política, a charge pode apresentar-se em um único quadro ou em mais cenas com escritas representando as falas dos personagens em balões ou até mesmo sem nenhuma representação da escrita, apenas a imagem falando

por si mesma.

Na charge tudo significa, imagem e escrita se "completam na produção dos efeitos de sentido" (SOUZA, MACHADO, 2005, p. 59). O traçado das letras que compõem o verbal, a forma dos balões que representam a fala, sinais de pontuação, expressões faciais, cores, enfim todos os elementos estão carregados de significação e devem ser observados atentamente para tornar a leitura mais eficiente.

Toda a charge retrata assuntos atualizados, reais, temas que estão sendo debatidos naquele momento na sociedade, por isso prendem-se ao tempo, ou seja, é um texto temporal e sua interpretação depende, muitas vezes, de relações intertextuais. Exige-se que o leitor esteja interado com o que se passa no mundo a sua volta e faça inferências para realizar a leitura do texto chárstico ou, ainda, busque complementar a leitura deste texto com a leitura de outros textos.

Se o leitor do texto chárstico é um indivíduo bem informado, integrado nas questões e acontecimentos políticos de sua época, há a possibilidade de que ele compreenda e capte o teor crítico de algumas charges, sem ler os outros textos presentes no jornal, com os quais elas se relacionam intertextualmente. Mas se ele não conhece o fato, a situação ou personagens presentes na charge, ou se ainda deseja precisar as informações acessórias, buscará o auxílio dos textos que mantêm relações com o chárstico (ROMUALDO, 2000, p. 42).

A charge pode ser vista não só como arte objetivando o riso, mas como prática política e formadora de opiniões acerca dos acontecimentos sociais. Esse gênero discursivo é formador da crítica social, pois permite ao seu leitor uma contra palavra ao que está sendo veiculado. Mesmo centrada na atualidade, por ser um texto temporal preso ao tempo da notícia, pode ser recuperado como história e ideologia.

A leitura da charge em sala de aula: em busca de uma concepção dialógica

Diversas pesquisas mostram que as práticas de ensino adotadas nas escolas não dão conta da formação de um leitor capaz de ler qualquer gênero discursivo de forma crítica e proficiente. Ainda hoje, a leitura é

vista apenas como decodificação da escrita, visão esta reducionista, pois não dá conta das especificidades de cada gênero discursivo nem tampouco contribui para o desenvolvimento da competência leitora.

Segundo Lajolo (1982, p. 59) "Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista". Ou seja, leitura é um processo de interlocução entre autor e leitor, mediado pelo texto, um processo, na visão bakhtiniana de retomada de outros enunciados e de busca da compreensão responsiva.

Na concepção de linguagem assumida pelas DCE's (PARANÁ, 2007), a leitura é vista como processo de produção de sentidos, que se dá numa relação dialógica entre leitor e texto, o que propicia uma atitude crítico-responsiva diante das materialidades textuais.

A leitura compreende o contato do aluno com uma ampla variedade de textos produzidos numa igualmente variedade de práticas sociais. Trata-se de propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e, ainda, a uma atitude responsiva diante deles (PARANÁ, 2007, p. 25).

A leitura de charges em sala de aula é importante por permitir ao aluno exercitar seu senso crítico diante dos problemas ligados à sociedade, já que este gênero discursivo apresenta ao leitor uma opinião acerca de fatos reais e atuais. Dessa forma, podemos dizer que a charge é também meio de formação para a cidadania. A interpretação e apreensão de sentidos da charge não é um dos exercícios mais fáceis de serem realizados, "mas pode se tornar algo extremamente atraente se bem trabalhado, pois trata-se de um gênero que, através do humor, pode ser formador de opiniões" (SOUZA; MACHADO, 2005, p. 63). Por ser formador de opinião, a charge deve ser vista como meio de interação, porque permite que o leitor apresente a sua contra palavra aos fatos retratados pelo chargista.

De acordo com Bakhtin (2006), o ponto de partida para o estudo

da linguagem devem ser as formas de interação verbal em ligação com as condições concretas de produção. Desse modo quando se trata da leitura de charges, alguns aspectos sociais e discursivos precisam ser questionados, além dos aspectos linguísticos e textuais: Em que tipo de veículo de comunicação a charge está sendo publicada? Qual o posicionamento ideológico desse veículo? Quem produziu a charge? De que lugar social o autor fala? Com que propósito a charge foi produzida? Quem é o interlocutor pretendido? Que reação-resposta o interlocutor pode dar a essa charge? Em que meio histórico a charge foi produzida? Que fatos estavam em pauta na sociedade no momento da produção?

As atividades de leitura devem levar os alunos a perceber que a composição do gênero é planejada de acordo com sua função social e seus propósitos comunicativos (LOPES-ROSSI, 2002). Por isso, torna-se imprescindível levantar com os alunos as condições de produção e circulação do gênero em sociedade para verificar, num segundo momento, de que forma essas condições determinam as escolhas linguísticas e textuais. Esse caminho possibilita a formação de leitor crítico, atento não apenas à dimensão contedudística do texto lido, mas também as questões sociais e ideológicas.

Uma proposta alternativa para a leitura de charges em sala de aula

Sabe-se que o ensino de língua portuguesa em sala de aula apresenta ainda muitas deficiências. Assim, motivados a buscar respostas e soluções para os problemas que envolvem o trabalho com a leitura na Educação Básica, elaboramos atividades com o gênero discursivo charge jornalística, pois verificamos a ausência desse gênero, tanto nos livros didáticos, quanto na prática em sala de aula. A charge permite a leitura crítico-responsiva de temas debatidos e circulantes em sociedade, o que contribui significativamente para o desenvolvimento da criticidade dos alunos.

Consideramos os alunos do Ensino Médio como o público alvo da proposta, no entanto, nada impede que o trabalho seja adaptado e desenvolvido também com alunos do Ensino Fundamental.

Por questões metodológicas, o trabalho com a leitura de charge em sala de aula está dividido em quatro etapas principais, cujo objetivo

maior é o desenvolvimento da competência leitura, bem como a despertar o senso crítico e criativo dos alunos.

Assim, elaboramos a proposta alternativa, tendo na charge, de autoria de Tiago Recchia, intitulada "Kinder Ovo", veiculada no jornal *Gazeta do Povo* em 22/03/2008, nosso objeto de estudo. Escolheu-se essa charge por ser um texto atual e porque trata de um assunto de grande repercussão na sociedade.

1ª ETAPA DE LEITURA: a comunicação jornalística e o gênero charge no conjunto da vida social

Objetivos:

- Propiciar o contato do aluno com o gênero jornalístico charge;
- Possibilitar a compreensão de que a comunicação jornalística e charge veiculam posicionamentos, ideologias.

Procedimentos:

- Em grupos, contato com diferentes jornais para levantamento dos gêneros discursivos presentes;
- Discussões coletivas, a partir da constatação do gênero charge nos jornais: quais as possíveis temáticas que as charges abordam? Em que lugar aparecem no jornal? Qual a relação das charges com o conjunto do jornal? Que reação-resposta podem provocar nas pessoas? Que características as charges apresentam para que possamos assim denominá-las? A charge apresenta posicionamento frente a uma realidade social diferente do que o conjunto do jornal apresenta?

Comentários:

Considerando a charge como um dos gêneros que podemos encontrar em um jornal, é importante discutir com o aluno que a charge jornalística trata de acontecimentos atuais e está vinculada ao conjunto do jornal (a uma notícia, a um editorial, a uma fotografia publicada na edição ou nas páginas anteriores) e que não consiste em um gênero "neutro", mas que propaga valores, opiniões, ideologias. Essa discussão propicia a formação de um leitor proficiente e crítico deste tipo de gênero do discurso.

2ª ETAPA DE LEITURA (análise de um texto específico):
Leitura da charge "kinder ovo": explorando os aspectos sociais e discursivos.



Fonte: Gazeta do Povo, 22 mar. 2008.

Objetivos:

- Explorar as características típicas da charge "kinder ovo" como veículo de crítica;
- Colocar em debate os aspectos sociais e discursivos da charge;

Procedimentos:

- Apresentação da charge "kinder ovo", para levantamento dos seguintes aspectos:

- a) Em que veículo a charge aparece?
- b) Quem a produziu?
- c) Que lugar social o autor ocupa?
- d) Quando foi produzida?
- e) Que acontecimentos sociais motivaram a criação da charge?
- f) A que outros enunciados ou textos ela remete? Há alguma notícia, editorial, fotografia, artigo publicado, neste mesmo jornal, que tenha

alguma relação com a charge "kinder ovo"?

g) A que tipos de leitores é destinada?

h) Com que propósito a charge foi construída?

Comentários:

Nesta etapa, o aluno-leitor realizará uma primeira leitura da charge, na qual poderá observar as condições de produção as relações intertextuais da charge com outros textos do jornal.

3ª ETAPA DE LEITURA: Exploração dos aspectos de conteúdo, linguísticos, não-verbais e de organização textual.

Objetivos:

- Analisar o conteúdo da charge, explorando os aspectos verbais e não-verbais;
- Analisar o título da charge observando sua adequação à imagem;
- Inferir, pelo texto chargístico, os objetivos do autor ao produzi-lo.

Procedimentos:

- a) O que a charge comunica?
- b) Por que o assunto veiculado pela charge mereceu ser destacado?
- c) Quem é o personagem envolvido? Como você o reconheceu?
- d) Qual a relação do título com a imagem?
- e) Qual a posição do autor diante do fato?
- f) De que forma a construção da charge possibilitou a resposta à questão anterior? Observar imagem, cores, formas, expressão facial.

Comentários:

A terceira etapa permite uma leitura detalhada do gênero em questão, na qual o aluno-leitor analisará de fato os aspectos verbais e visuais da charge e poderá posicionar-se criticamente perante o texto. Os objetivos dessa etapa permitem que o aluno-leitor perceba os aspectos de elaboração e organização da charge, o que auxiliará na leitura e conseqüentemente na produção escrita.

4ª ETAPA DE LEITURA: buscando o posicionamento crítico e a produção de novos sentidos.**Objetivos:**

- Desenvolver a criticidade do aluno;
- Proporcionar ao aluno acesso aos usos e funções sociais da escrita em atividades significativas.
- Incentivar a circulação dos textos produzidos, como em um mural, por exemplo.

Procedimentos:

• Discussões coletivas: Que reação o texto "kinder ovo" pode causar nos leitores? O que você tem a dizer sobre a visão defendida pelo chargista? Que tipo de comportamento o leitor deve ter diante da leitura desse texto? Considerando a finalidade discursiva e o público-alvo, pode se dizer que "kinder ovo" é uma boa charge?

• Atividades de transformação e produção de novos sentidos. Dividem-se os alunos em equipes. Cada equipe fica encarregada de uma atividade de transformação:

1. Produzir um cartaz orientando sobre os procedimentos para evitar focos de mosquito da dengue. Após o grupo afixará o cartaz em um comércio do bairro;
2. Elaborar um panfleto com frases impactantes para conscientização da população;
3. A partir das discussões viabilizadas pela leitura da charge, escrever um artigo de opinião a ser publicado no jornal da escola;
4. Produzir uma carta a ser enviada ao jornal "Gazeta do Povo", manifestando a sua opinião a respeito da charge publicada por esse meio de comunicação;
5. Produzir um texto dissertativo, sobre o assunto veiculado pela charge, conforme os solicitados em provas de vestibular;
6. Produzir um mural, com textos de jornais e revistas atuais que estabelecem alguma relação com a charge "kinder ovo";
7. Conservando o teor crítico e humorístico da charge de Tiago

Recchia, produzir uma paródia para a canção "Marcha Soldado" (ou outra canção de preferência do grupo).

Comentários

A produção de novos textos possibilita que o aluno-leitor elabore novos sentidos para o texto estudo e se posicione criticamente diante do assunto tratado. Espera-se que o aluno envolva-se de forma crítico-responsiva sobre as temáticas discutidas em sala de aula, já que o envolvimento, através das produções escritas, promove o aprendizado e a conscientização da realidade social, fazendo com que exerça seu papel de cidadão.

Considerações finais

O gênero charge nas aulas de leitura, quando abordado de forma adequada, desperta a criticidade e a compreensão da realidade social, permitindo ao aluno a ampliação do seu universo ao mesmo tempo em que possibilita conhecer diferentes discursos atualizados de acordo com o momento em que vive. Assim, o aluno tem a oportunidade de debater sobre a sua realidade e se posicionar de diferentes maneiras acerca dos mais variados assuntos tratados na sociedade em geral.

Levar o aluno a perceber que um texto possui muitos planos significantes é desenvolver a criticidade e instigá-lo a um posicionamento, pois, "pela leitura crítica, o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante) elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravidão às idéias" (SILVA, 1998, p. 26). O aluno tem que ser levado a identificar, através da interpretação, mudanças na materialidade do texto, advinda de diferentes posições do sujeito, distintos recortes de memória e distintas relações com a exterioridade.

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir para que o trabalho com os gêneros discursivos em aulas de língua materna favoreça a formação de leitores críticos. Há muito a ser estudado, o que se apresenta aqui é apenas o princípio, no entanto, esse estudo abriu uma visão de como analisar e interpretar textos que circulam socialmente e

favorecem a interação com a própria realidade social

Abstract: Based on Bakhtin's assumptions about language and genres, this article presents a didactic proposal about journalistic charge as a discourse genre, which may be used to achieve improvements in the teaching and learning of reading. The plan takes into account four main stages: 1) the study of the genre charge within journalistic and social environments, 2) the study of charge's sociointeractional dimension; 3) the study verbal non-verbal gender dimension; 4) a reflection on reader-response and the production of new meanings.

Keywords: Discourse genres. Charge. Reading. High school.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (Org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, M. Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002 p. 19-36.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídio para o ensino da linguagem*. São Paulo: EDUSC, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica*. Curitiba: SEED, 2007.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da folha de S. Paulo*. Maringá: EDUEM, 2000.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O verbal e não-verbal na produção dos efeitos de sentido no gênero charge. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Orgs). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.